



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ADALSON DE OLIVEIRA NASCIMENTO

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-507

Entrevistado: Adalson de Oliveira Nascimento

Nascimento: 07/08/1974

Local da entrevista: Escola de Ciência da Informação - UFMG

Entrevistadora: Christiane Macedo

Data da entrevista: 19/11/2014

Transcrição: Thayná Lima Fagundes

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 2 minutos e 21 segundos

Páginas Digitadas: 18 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Christiane Macedo intitulado *Locais de Memória da Educação Física: os centros de memória das universidades federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais; trabalho junto ao acervo do CEMEF; formação e inserção na Arquivologia, atuação na UFMG; situação do acervo em 2010; processos para organização do acervo, coordenações do CEMEF; formação dos bolsistas; a Rede de Museus e Espaços do Conhecimento da UFMG; o grupo de estudos do CEMEF; pesquisas relacionadas ao CEMEF; definição do CEMEF; oportunidades dentro do CEMEF; a importância dos conhecimentos da arquivologia para o trabalho nos acervos.

Porto Alegre, 19 de novembro de 2014. Entrevista com Adalson de Oliveira Nascimento a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Professor, muito obrigada por me receber no meio das suas atividades, que eu sei que devem ser muitas e queria que o senhor começasse contando como você se envolveu com o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, o CEMEF.

A.N. – Christiane, eu agradeço também o convite para a entrevista, é um prazer poder contribuir com a sua pesquisa. Eu comecei no CEMEF em 2010 auxiliando no tratamento do acervo, mas na realidade, antes disso, eu fui pesquisador no CEMEF, eu escrevi uma tese sobre exercícios físicos militares em Minas Gerais na passagem do século XIX para o século XX, então eu pesquisei alguns livros, material bibliográfico do acervo do CEMEF, mas auxiliando e lidando com o acervo meu envolvimento foi a partir de 2010, a partir do convite da professora Meily¹, em 2010 eles estavam começando a execução de um projeto de pesquisa financiado pela FAPEMIG, que é a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais então eles estavam lá refinando e incrementando a organização do acervo, então, nesse momento de 2010 quando começou esse projeto da FAPEMIG, a Meily me convidou e aí eu comecei, enfim, aí eu comecei a atuar lá especialmente com o acervo documental, o acervo arquivístico.

[INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA]

C.M. – Se envolveu no momento que estava na FAPEMIG e com esse projeto você já entrou para coordenar alguma ação? Qual foi o seu papel?

A.N. – Bom, então, começou em 2010. O CEMEF, naquela época, estava fazendo um trabalho de refinar, incrementar a organização de acervo e instrumentos de pesquisa. Eu fiquei junto com a professora Meily coordenando o trabalho do acervo de

documentos arquivísticos, os documentos gerados pela própria Escola de Educação Física, a escola começou em 1952, então, parte do acervo que foi gerado na escola desde 1952 foi acumulado e estava lá, sob a guarda do CEMEF, eu fiquei junto com a professora Meily no trabalho de organização desse acervo gerado pela própria escola. É um acervo bem diversificado em termos de suporte, tem documentos em papel, fotografias, filmes, fitas, enfim, cartuchos com fitas de áudio e vídeo que eram materiais utilizados em aula, objetos tridimensionais, documentos dos mais diversos suportes mas que tem essa característica, são documentos produzidos no funcionamento da escola, a partir de 1952.

C.M. – Queria que você contasse um pouquinho como foi esse teu envolvimento com os conhecimentos da arquivologia, eu sei que hoje o senhor está no curso de arquivologia mas tem uma outra formação, só para a gente entender um pouquinho.

A.N. – Claro, eu sou graduado em história, Christiane, e já quando eu fazia o curso de graduação em história, eu comecei a atuar no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Eu fazia o curso no período da noite, durante o dia eu trabalhava no arquivo municipal, então, ao longo de alguns anos eu fui realizando pequenos cursos na área de arquivos. O pessoal do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte segue com muito rigor a metodologia e os conceitos arquivísticos, então foi no próprio arquivo, através dos mini-cursos, através do aprendizado com os colegas que eu me formei na área de arquivo, digamos assim. Porque o historiador, na maior parte das vezes, ele tem a experiência, o interesse pela pesquisa e aí o documento de arquivo interessa ao historiador do ponto de vista da pesquisa e, às vezes, o historiador não tem uma formação para o trabalho em arquivos, quer dizer, o historiador tem uma formação para pesquisa e não para o trabalho em arquivo desse ponto de vista da organização do acervo, do tratamento técnico. A minha experiência, a minha entrada no mundo dos arquivos foi nesse período em que eu trabalhei no arquivo de Belo Horizonte. Foram cerca de quinze anos que eu trabalhei lá como funcionário, depois eu deixei de ser funcionário do arquivo e aí eu passei a coordenar projetos trabalhando, trabalhando como contratado, então foi essa experiência que me fez conhecer o mundo dos

¹ Meily Assbu Linhales.

arquivos. Eu também trabalhei nos arquivos do interior de Minas Gerais, depois, já com essa experiência, sempre com tratamento documental.

C.M. – Em 2010 o senhor já era professor aqui da universidade?

A.N. – Eu comecei em 2010 aqui, comecei no início do ano, no primeiro semestre e logo eu comecei a atuar no CEMEF. Antes de 2010 eu também lecionava no ensino superior na Universidade do Estado de Minas Gerais mas não com o curso de arquivologia, lecionava no curso de história, já lecionava a disciplina arquivos e museus, de alguma forma lidava com arquivologia, mas não no curso de arquivologia, trabalhava no curso de história.

C.M. – Agora sobre o acervo do CEMEF, que situação que estava o acervo quando você se encontra com o acervo?

A.N. – Bom, eu comecei lá em 2010, o CEMEF foi criado em 2001, então, nessa primeira década de funcionamento do Centro, alguns dos acervos receberam tratamento. Em primeiro lugar preciso dizer o seguinte, quando a gente diz acervo estamos falando do conjunto de documentos como um todo, agora o acervo é formado por fundos e coleções. A situação dos fundos e das coleções era variada, tinha alguns dos conjuntos que já tinham passado por uma identificação, já tinham sido limpos, passaram por higienização, outros acervos estavam em estado ainda sem nenhum tratamento, praticamente sem nenhum tratamento, por exemplo, parte do acervo da documentação em papel da Escola de Educação Física, em 2010, 2011, a gente buscou parte desse acervo num pequeno depósito que tem lá na escola e estava em condições muito precárias, então, quer dizer, a gente lidou tanto com acervo que já tinha alguma nível de tratamento e lidamos, também, com acervo que estava ainda chegando no CEMEF. Quando você pergunta qual a situação do acervo, ela era *muito* variada em termos dos processos pelo qual esse acervo tinha passado, de maneira geral, em termos do tratamento lógico do tratamento intelectual, o acervo tinha um tratamento ainda muito preliminar. Quer dizer, o CEMEF tinha um guia já nessa época, 2010, agora não vou saber precisar quando foi publicado o guia, se não me engano 2008, enfim, um

guia do acervo. Esse guia, que eu acho que foi publicado em 2008, já trazia uma descrição sumária dos fundos institucionais, que são os documentos produzidos pelo próprio CEMEF, nesse guia já havia informação sobre os arquivos pessoais. Naquela época se fazia uma distinção, então tinha lá a coleção de fotografias, a coleção de documentos tridimensionais e essas coleções também já estavam descritas no guia. Hoje a gente entende que os documentos tridimensionais e as fotografias fazem parte dos fundos institucionais, mas de qualquer maneira, do ponto de vista lógico, do ponto de vista intelectual, já havia esse guia, quer dizer, já havia um primeiro tratamento. Eu considero que era um tratamento preliminar, bastante sumário, quer dizer, já havia ali uma identificação, o pesquisador já sabia o que o CEMEF possuía. Do ponto de vista do tratamento lógico, a gente tinha essa situação, do ponto de vista do tratamento material, parte do acervo tinha passado por limpeza, mas as condições eram ainda bem iniciais porque não se tinha ainda o tratamento adequado, em termos de se pensar os papéis mais indicados para condicionamento, não existia ainda as salas climatizadas. Então quer dizer, também a gente conseguiu, nesses últimos três, quatro anos, conseguimos avançar bastante nesse ponto e muito do trabalho foi viabilizado por esse projeto de pesquisa que foi apoiado pela FAPEMIG, acho que você deve voltar isso mais a frente. Mas enfim, foi justamente quando esse projeto de pesquisa começou a ser executado que eu entrei e esse projeto deu algumas condições, bolsistas, recursos para adquirir equipamento de climatização, material de consumo. Mas em síntese, as condições do acervo eram variadas dependendo do fundo ou coleção, mas muito iniciais, tanto do ponto de vista do tratamento lógico intelectual, quanto do ponto de vista material e do ponto de vista físico.

C.M. – Quais os processos que vocês têm feito para organizar o acervo?

A.N. – Vou ter que fazer uma breve digressão para poder responder a sua pergunta, Christiane. O CEMEF possui documentos de diversas origens, então, por exemplo, o tratamento que é dado para material o bibliográfico para a biblioteca do CEMEF, ele é um tratamento específico próprio da biblioteconomia. Eu tenho lidado com os documentos arquivísticos, quer dizer, com os documentos do arquivo institucional da escola, então vou te falar mais sobre esse acervo, depois eu até falo um pouco sobre os

outros, mas eu tenho mais condição e me sinto mais a vontade para falar sobre os documentos arquivísticos. Então, a documentação arquivística do CEMEF começa em 1952 que é quando a escola é fundada e vem até os dias atuais, aliás, no CEMEF a documentação vai de 1952 até 1979. Porque a gente não lidou com a documentação de 1979 pra cá por uma questão, a gente tem um marco que nos fez trabalhar somente com a documentação anterior a 1979. Aí a sua pergunta é quais as atividades, quais ações são realizadas... então, o que nós fizemos foi: em primeiro lugar identificar os documentos, então, a gente tinha lá as caixas com os documentos ainda sem identificação. Tinha os documentos separados em caixas, mas a gente não tinha ainda nenhuma listagem que nos dissesse o que cada caixa continha, essas caixas também não tinham etiquetas. O primeiro trabalho foi um trabalho de identificação, quer dizer, verificar o tipo de documentos, são atas, são correspondências, são relatórios, documentação relacionada ao ensino, são diários de classe? A gente não sabia do que se tratava, então fizemos um trabalho de identificação das tipologias. Verificamos quais tipos de documentos havia por tipologia, ata, relatório, convênio, correspondência, diário de classe, então, identificamos as tipologias. Um segundo procedimento foi entender essas tipologias a partir das funções da Escola de Educação Física, então, por exemplo, se tínhamos relatórios queríamos entender o porquê daqueles relatórios. Porque, afinal de contas, nenhum documento nasce para se tornar documento de arquivo, todo documento nasce para registrar um ato. Se hoje se escreve uma ata é porque precisa se registrar o que foi discutido, as decisões que foram tomadas em uma determinada reunião, somente no futuro é que essa ata vai se tornar um documento de valor histórico, de valor para pesquisa histórica. Nós queríamos entender o funcionamento da escola, então, se tínhamos relatórios, se tínhamos atas, queríamos entender o porquê desses documentos, a origem desses documentos, porque eles foram gerados. Isso fez parte de uma segunda etapa, primeiro identificamos as tipologias e depois a gente tentou entender o porquê daquela documentação, o porquê daquelas tipologias. Paralelamente a gente foi, então, estudando a história da escola, a Escola de Educação Física teve origem em duas escolas, você deve saber mas eu preciso dizer para organizar aqui o raciocínio. Em 1952 foram criadas duas escolas, uma que era vinculada ao estado de Minas Gerais e a outra vinculada a Universidade Católica, essas duas escolas funcionaram paralelamente até 1954 que foi quando elas foram reunidas, foram fundidas, e depois, em 1969, salvo engano, a escola foi federalizada. Por que é

importante essa história? Para que a gente possa entender, por exemplo, quando a gente estava lidando com a documentação de 1952 e 1953, entendendo a história da escola, a gente percebeu que ali, na verdade, tinha documentação de duas escolas que funcionavam paralelamente, então foi muito importante esse estudo da evolução administrativa da escola, de forma que a gente pudesse, então, entender o porquê desses documentos, enfim, a função desses documentos. Esse trabalho de identificação das tipologias ele foi acontecendo, a primeira etapa foi a identificação das tipologias depois a gente passou para essa segunda etapa que é do estudo da história da escola para gente poder localizar os documentos. Depois foi uma etapa posterior que foi a elaboração do quadro de arranjo dos documentos, a gente tinha, até então, as caixas sem nenhuma identificação e aí a gente começou a fazer uma reunião dos documentos. Por exemplo, se eu tenho atas produzidas pela direção da escola lá na caixa A e eu tenho atas produzidas pela direção da escola lá na caixa Z eu preciso reunir essas atas, então a gente começou a fazer esse chamado quadro de arranjo, quer dizer, a gente fez um desenho, um quadro em que a gente identificava os vários documentos e a função que esses documentos cumpriam e seu chamado arranjo. Por exemplo, sobre o ensino que é uma função, a gente identificou que nós tínhamos documentos diversos, diário de classe, provas de alunos, listas de presença, então, a gente reuniu essas tipologias todas dentro dessa função ensino. Sobre, por exemplo, a função direção da escola, tinha outros tantos documentos, correspondências, atas, convênios, nós agrupamos essas tipologias todas sobre essa rubrica direção, então esse é o chamado quadro de arranjo, é um quadro em que a gente organiza a documentação, basta a gente pensar no funcionamento de qualquer organização hoje. Se hoje nós temos uma Escola de Educação Física, qualquer que for, funcionando, ela está gerando documentos, em qualquer escola de educação física vai ter seus diversos setores, as suas diversas funções e a escola está gerando documentos. Na hora de organizar a documentação do CEMEF a gente buscou, justamente, essa história passada, fazer essa retrospectiva para poder fazer essa classificação dos documentos. Finalizada a classificação, ou melhor, paralelamente a esse trabalho de arranjo, classificação dos documentos, arranjo é sinônimo de classificação, então, paralelamente a esse trabalho de arranjo e classificação nós fomos já elaborando os instrumentos de pesquisa, então essa é a etapa de descrição dos documentos, se você entrar hoje no site do CEMEF você vai ver lá os inventários da documentação. A gente deve finalizar ainda nesse ano de 2014 e colocar

no ar os inventários definitivos, então são dois inventários porque nós identificamos que a escola produziu dois fundos documentais, um de 1952 a 1969, que é a data da federalização, e outro fundo de 1969 a 1979. Esses inventários, eles foram produzidos na última etapa, que é a chamada etapa de descrição, quer dizer, ali a gente tem informações variadas sobre os fundos documentais e temos índices que descreve cada série de documentos, então, se você, por exemplo, pegar a série atas, então você vai ter ali uma tabela que vai dizer para o pesquisador quais são as atas que existem no acervo. Essa foi a última etapa do trabalho, a chamada etapa da descrição, e nessa etapa nós produzimos instrumentos de pesquisa. Tudo isso que eu falei diz respeito ao que a gente chama de tratamento lógico, tratamento intelectual, então foram essas etapas, identificação, esse estudo da história da escola visando a realização do arranjo e por último a descrição, tudo isso diz respeito ao trabalho intelectual, lógico. Tem uma outra vertente do trabalho que é o trabalho material, quer dizer, o trabalho de limpeza, estudo e definição dos melhores materiais para condicionamento, os melhores tipos de caixa, compra das estantes. Esse trabalho material físico, basicamente é a etapa da higienização, que é a limpeza, e acondicionamento e dentro dessa parte material também, nós fizemos a climatização lá do depósito. Por fim, você perguntou das etapas, então eu estou falando para você o trabalho que foi feito nos fundos de documentos produzidos pela Escola de Educação Física, então é preciso dizer o seguinte: também nesse período de 2010 para cá a gente lidou, por exemplo, com as fotografias, então foi feito um trabalho de identificação das fotografias, existe uma tabela também, um índice que descreve as fotografias, as fotografias também foram acondicionadas em pastas adequadas, agora, essas fotografias passaram por um trabalho de organização também paralelo ao trabalho de organização dos fundos. Nós pretendemos agora em 2015 inserir essas fotografias no fundo, porque o fundo de documentos produzidos pelo CEMEF não são apenas os documentos em papel, documentos escritos, as fotografias, elas foram tiradas também nas atividades da escola, durante as aulas, durante os eventos que a escola realizava, então a gente entende que as fotografias, elas fazem parte do fundo documental também, mas a gente ainda não teve condição de fazer essa integração, digamos assim, então foi feito um trabalho paralelo que também foi uma identificação sumária, e também algum trabalho de limpeza e acondicionamento. Os objetos tridimensionais também passaram por um trabalho de limpeza, trabalho de identificação, trabalho de registro fotográfico, e também foi feito por uma outra equipe,

então foi um trabalho paralelo nesses anos. Da mesma maneira a gente entende que os objetos tridimensionais, eles fazem parte do fundo do CEMEF, a Escola, no seu dia-a-dia, no seu funcionamento, ela produz diversos tipos de documentos e tanto faz se esses documentos são papel, ou são objetos, se são em madeira, por exemplo, um piano que tem lá no CEMEF, ele faz parte do fundo Escola de Educação Física porque ele era utilizado nas aulas de ginástica, enfim, então ele faz parte de um conjunto produzido pela Escola. Foi feito esse trabalho com os objetos tridimensionais e é importante dizer que nesse período de 2010, 2011 e 2012 nós contamos com o apoio de uma empresa especializada em organização de arquivos que é chamada de Acervo, uma empresa sediada aqui em Belo Horizonte, então, por exemplo, eles atuaram muito, nesse período eles atuaram muito dando orientação sobre a conservação física dos objetos tridimensionais. Eu não trabalhei diretamente nisso mas teve uma equipe lá no CEMEF que lidou com essa parte dos objetos tridimensionais, mas então porque que eu estou dizendo isso? São várias equipes, foram várias equipes e a que eu trabalhei mais diretamente foi essa que lidou com os fundos especialmente os documentos textuais, os documentos em papel dos fundos, ainda que a gente considere que o fundo é todo conjunto produzido pela Escola de Educação Física. Ficou claro essa parte?

C.M. – Sim, bem claro. No CEMEF quem coordena essa parte de organização de acervos em geral?

A.N. – O CEMEF ele tem um coordenador e um subcoordenador, então quer dizer, desde 2011, salvo engano, que existe no CEMEF a figura do coordenador do Centro e do subcoordenador. Mais recentemente a professora Meily, ela assumiu a responsabilidade pelas ações relacionadas ao acervo. Então o CEMEF é um centro de memória, possui lá um o acervo de documentos, mas é um centro de memória que cedia um grupo de pesquisa. A gente tem um acervo que demanda uma série atividades de cuidados, então a professora Meily é a coordenadora da parte de acervo do CEMEF. Por exemplo, acabou de acontecer o seminário que é bianual, que acontece de dois em dois anos, então teve lá também um coordenador responsável pelo seminário, a parte de organização da agenda do CEMEF é feita pelo coordenador geral, eu estou querendo dizer que existe uma distribuição de funções dentro no CEMEF. O que que é importante dizer sobre isso? Essa distribuição de funções me parece que ela ainda não

está formalizada, quer dizer, o CEMEF, ele tem um coordenador e um subcoordenador, por isso que eu comecei a falar disso, parece que só isso que é formal dentro do Centro, me parece. Tinha até uma proposta que estava sendo discutida lá para se formalizar uma estrutura, e dentro dessa proposta de formalização você teria lá uma coordenação de acervos, uma coordenação de eventos, mas eu te confesso que eu não sei como é que anda a formalização dessa estrutura interna e nem saberia te falar muito sobre essa proposta. Mas o fato é que, ainda que seja informalmente, quem é responsável, pelo menos desde de 2010, desde o período que eu venho atuando lá, quem é responsável pelas ações relacionadas ao acervo é a professora Meily. E eu dividi com a professora Meily a função de coordenar essa parte do acervo documental em papel, dos fundos documentais, junto com ela eu estive mais à frente disso. Agora, por exemplo, em relação aos acervos pessoais, tem outra pessoas trabalhando, em relação aos objetos tridimensionais, arquivos fotográfico já houve equipes trabalhando há um tempo atrás sempre sob a coordenação da professora Meily, eu fiquei mais com ela nessa parte dos acervos institucionais.

C.M. – E como tem sido essa formação para essas ações dentro do CEMEF integrando esses conhecimentos da arquivologia, porque eu sei que a maioria da equipe é de pessoas da educação física, então, como tem sido esse diálogo?

A.N. – Pois é, desde 2010 que a gente começou a executar esse projeto da FAPEMIG, a gente tem contado com bolsistas e estagiários, enfim, com alunos de graduação e alunos de mestrado também, doutorado, eu também preciso deixar claro o seguinte: 2010, 2011, até início de 2012, foi o período em que a gente atuou com mais intensidade no acervo, que é o período de execução do projeto da FAPEMIG. Então nesse período, por exemplo, a gente fazia mutirões de limpeza dos documentos e ali se tinha dezenas de professores, doutorandos, mestrandos, alunos de graduação, então esse foi um período em que a gente trabalhou com mais intensidade com número maior de pessoas com várias equipes. Atualmente a equipe é menor, a equipe que trabalha com acervo, é uma equipe menor, mas então você pergunta como é que tem sido esse diálogo? Quando a gente começou em 2010 com o projeto da FAPMIG, a gente tinha bolsistas e estagiários, no momento em que a gente foi selecionar o pessoal para trabalhar no projeto a gente optou por montar equipe com estudantes tanto da

arquivologia quanto da educação física para trabalhar com o acervo arquivístico. Aí eu vou te falar mais sobre o acervo arquivístico que é esse que eu lidei mais, por exemplo, um parênteses, houve uma aluna que é do curso de museologia que atuou durante um tempo com o acervo fotográfico, sobre a coordenação da professora Andrea Moreno, mas sobre o acervo arquivístico em 2010 a gente começou com uma aluna do curso de arquivologia, que era bolsista, e a gente sempre teve dois ou três alunos da educação física atuando também no projeto, então, a nossa dinâmica sempre foi a seguinte: quando a gente recebe um novo aluno a gente indica a leitura de alguns textos que vão falar sobre essa metodologia do trabalho em arquivos, sobre os conceitos arquivísticos, sendo aluno da arquivologia ou da educação física a gente indica a leitura dos textos e discute com aluno, conversa, para que ele tenha uma formação básica na área. Nesse período de 2010, 2011, 2012 quando a gente estava trabalhando com uma equipe maior de forma mais intensa, a gente tinha reuniões para discutir as questões do acervo para tomar as decisões e tínhamos algumas reuniões que eram específicas para discutir as questões arquivísticas, conceitos, a metodologia da arquivologia, então eram reuniões de formação para que os alunos, independentemente da área, aprendessem um pouco mais sobre esse mundo dos arquivos. Essas reuniões aconteceram mais no início do projeto e os alunos foram aprendendo um pouco sobre esses conceitos, sobre a arquivologia e nós fomos juntos também consolidando essa metodologia que eu te falei de identificação das tipologias, estudando muito a história da escola, criação do arranjo. No início quando essa metodologia estava sendo gestada, apresentada para equipe de trabalho, a gente tinha mais reuniões, hoje a gente pode dizer que essa metodologia já está mais consolidada, então o aluno que entra hoje ele se insere na dinâmica do trabalho de uma maneira diferente, quer dizer, ele já vai aprender essa dinâmica que já está estabelecida. Os alunos da educação física, claro, eles não tem essa formação prévia, então, você perguntou como é que a gente lida com isso, a gente entende que o aluno de educação física também está habilitado, o mais importante, do nosso ponto de vista, é se o aluno tem o interesse pelo tema da história, a gente percebe o seguinte: a gente já teve alunos que trabalharam conosco lá como bolsista de graduação e depois foram fazer mestrado, estudando o acervo do CEMEF, então quer dizer, se o aluno está ali trabalhando, limpando documento, classificando documentos, o objetivo desse trabalho não é pesquisa, mas o aluno está manuseando os documentos, então pode surgir daí ideias, problemas de pesquisa, e temos vários alunos que passaram pelo

trabalho com acervo que hoje são mestrados. Vai muito assim, o aluno, o bolsista, me parece que quando ele tem esse gosto pela pesquisa histórica, quando ele se interessa pela história, então, ele vai lidar muito bem com esse trabalho no arquivo. Agora, de vez em quando, a gente tem alguns bolsistas que não tem esse gosto e aí eles não se adaptam muito ao trabalho, então depende muito desse interesse do bolsista, do caminho que ele quer trilhar, mas a gente busca dar condições para que esse aluno desenvolva esses trabalhos.

C.M. – Tirando a FAPEMIG, você participou de algum projeto de apoio financeiro no CEMEF?

A.N. – Quando eu comecei em 2010 o projeto da FAPEMIG já estava aprovado e já estava começando a execução, então eu não fiz parte da elaboração do projeto, eu compus a equipe já num momento de execução do projeto. O CEMEF, ele tem nos últimos anos, obtido muito sucesso, ele tem tido muitos projetos aprovados em agências de fomento, então esse projeto da FAPEMIG, em 2010, ele era específico para o tratamento de acervo, depois desse projeto, houve outros projetos em que o tratamento do acervo recebeu apoio financeiro, por exemplo, você tem um projeto de pesquisa X que não diz respeito exatamente a organização de arquivo, mas que previu lá compra de estantes para abrigar o acervo, então isso aconteceu, quer dizer, o projeto foi específico para apoio ao tratamento de documentos, foi esse projeto da FAPEMIG, depois disso houve outros projetos que, de alguma maneira, destinaram recursos para o tratamento de acervos. Então eu fiz parte de outros projetos também como membro não como coordenador, aí houve, pelo menos, dois ou três projetos em que a gente recebeu apoio ainda que objeto direto não fosse o trabalho arquivístico, depois desse projeto da FAPEMIG em 2010 houve um projeto que foi específico para apoio aos arquivos pessoais, que foi um projeto coordenado pela professora Meily, então eu também compus a equipe do projeto, dei uma contribuição pequena para própria elaboração do projeto, para execução do projeto, aí foi um projeto voltado para os arquivos pessoais, então, isso foi executado pela professora Meily eu imagino, você vai entrevistá-la ou já entrevistou e aí certamente ela vai falar mais desse projeto.

C.M. – E como tem sido a relação com a rede de museus da UFMG?

A.N. – Eu integro a equipe do CEMEF. A rede de museus é formada por museus e espaços, que eles chamam de espaço e conhecimento, então a rede de museus é formada por museus e centro de memórias, basicamente. Os representantes de cada museu, de cada centro de memória se reúnem regularmente junto com a coordenação da rede de museus, eu nunca participei de nenhuma reunião, quer dizer, eu nunca representei o CEMEF na rede de museus, até onde eu sei, desde que eu acompanho desde 2010 o professor Tarcísio foi o coordenador do CEMEF, então ele representou o CEMEF na rede de museus, a professora Meily também foi coordenadora nesse período e representou o CEMEF na rede de museus e a professora Cristina também, acho que atualmente é a professora Cristina que representa o CEMEF na rede de museus. Mas a sua pergunta é sobre a relação do CEMEF com a rede de museus, do meu ponto de vista, a rede de museus aqui na UFMG é ... como é que eu vou te dizer, é ainda muito frágil. O que que eu estou querendo dizer? Eu acho que as ações da rede de museus aqui na UFMG ainda são muito tímidas, a rede de museus, ela conta com um orçamento pequeno, um orçamento anual muito pequeno, a rede de museus não tem um corpo de funcionário que possa dar apoio aos centros de memória e aos museus. Por exemplo, um demanda que os centros de memória e os museus têm é que a rede de museu tenha, por exemplo, um museólogo, um conservador e, vamos dar como exemplo um conservador, a nossa ideia é que se a rede de museus tiver um conservador, esse conservador, ele pode ir ao CEMEF, pode ir a um outro centro de memória, pode ir a um museu da UFMG para dar orientações técnicas, para treinar bolsistas, treinar estagiários, quer dizer, a rede de museus, ela pode ter alguns técnicos que dariam apoio aos espaços, mas isso ainda não é realidade. A rede de museus ainda não tem nenhum funcionário, na realidade ela tem um funcionário, mas que faz mais um papel de secretário, recentemente até esse funcionário, foi substituído há cerca de dois ou três meses com um rapaz que é historiador, fez doutorado, talvez ele agora possa dar um apoio para além da secretaria da rede de museus. Mas a sua pergunta, considero que o apoio que a rede de museus dá aos integrantes da rede é um apoio pequeno, a rede de museus repassa um orçamento pequeno anualmente para os centros de memória e para os museus e ela tem reuniões periódicas para se discutir questões de interesse dos centros de memória e dos museus, mas eu considero que efetivamente as redes de museus ainda, como eu disse, ela tem uma certa fragilidade aí. A relação é

muito positiva porque, eu não faço parte, já disse, nunca participei de uma reunião da rede de museus, mas eu sei que lá se discute o problema dos espaços, se discute os problemas que são comuns, mas me parece que efetivamente a rede ainda tem pouca condição de apoiar os espaços, é isso que eu queria dizer, mas acho uma relação importante por conta de ali existe essa possibilidade de troca de experiência, agora recentemente a rede de museus aprovou um projeto coletivo para criar um circuito, a ideia é que estudantes do ensino médio venham até a UFMG² conhecer esses espaços dos centros de memória, esses museus e a rede de museus, ela teve um projeto apoiado para obter financiamento com o CNPQ³ para criar esse circuito, então essa já é uma ação da própria rede de museus que vai impactar nos centros de memórias de nos museus.

C.M. – Sobre o grupo de estudo do CEMEF, você tem participado das reuniões?

A.N. – Eu queria voltar só nessa questão da rede de museus, você perguntou da relação, então a rede de museus, o nome oficial é Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, então quer dizer, conceitualmente, a rede de museus deve abrigar os centros de memória. Porque quando a gente fala rede de museus, parece que são só museus, mas são também espaços de cultura e do conhecimento. Mas sobre as reuniões, o CEMEF tem a agenda, eu tenho participado muito pouco, na realidade eu nunca tive muita disponibilidade para participar das reuniões gerais do CEMEF, eu sempre participei das reuniões da equipe de trabalho com o acervo. As outras atividades do centro, sempre tive dificuldade, sempre participei muito pouco, então participo mais mesmo das discussões relacionadas ao acervo que envolvem os estagiários e os professores que estão trabalhando com isso.

C.M. – Agora sobre a sua produção de conhecimento, você tem feito pesquisas que tenha alguma relação com o CEMEF? Eu sei do livro...

A.N. – Pois é, Christiane, a gente entende o seguinte: 2010 quando esse projeto de apoio ao tratamento do acervo foi aprovado pela FAPEMIG, como é que eu enxergo

² Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

isso? Era um projeto que se destinava a tratar de acervo de documentos e no entanto foi aprovado dentro do programa, que a gente chama de programa universal. É um programa de apoio aos projetos de pesquisa, então esse projeto de tratamento de acervo em 2010, ele foi reconhecido como um projeto de pesquisa. E eu entendo que esses projetos de organização de arquivos, quando realizados dentro da metodologia reconhecida pela arquivística, eu entendo que são projetos de pesquisa. Por dois motivos, primeiro porque num projeto desse tipo se faz muita pesquisa. Quando eu disse pra você que a gente foi entender a história da Escola de Educação Física a gente fez uma grande pesquisa buscando legislação, regimentos, estatutos da escola, tentar entender que escola é essa ao longo do tempo, então a gente pesquisava nessas fontes que eu citei e pesquisamos também na própria documentação, no próprio arquivo. Então o trabalho de organização de arquivos, ele não é um trabalho meramente técnico, é claro que se você está realizando a higienização do acervo, então você vai ficar lá escovando documento por documento, esse é um trabalho mecânico, ali não tem nenhuma reflexão, nenhuma produção de conhecimento, é um trabalho maçante, cansativo. Agora, se a gente está identificando as tipologias, fazendo esse amplo estudo da história da escola, construir esse quadro de arranjo é um trabalho reflexivo, então, a gente construiu e reconstruiu esse quadro várias vezes, porque sempre discutindo em grupo e estudando a documentação, estudando a história da escola. Quer dizer, eu entendo que esse trabalho de organização de arquivos, ele implica em pesquisa, que é essa pesquisa que eu acabei de relatar. Eu disse que tem dois motivos que eu penso que esse trabalho de organização de arquivos ele pode ser entendido como pesquisa, primeiro por essa característica de se realizar a pesquisa histórica ao organizar o acervo, pesquisa da história da instituição, etc, segundo porque quando você executa um trabalho de organização de arquivo, por exemplo, trabalho de organização lá de arquivo do acervo do CEMEF, você está potencializando projetos de pesquisa, quer dizer, a partir do projeto de organização do acervo do CEMEF, a gente está ali fomentando, permitindo e potencializando outros projetos de pesquisa. Então aí você perguntou como é que é a minha produção, como é que o CEMEF tem aparecido. Eu entendo que tudo que a gente faz no CEMEF, relacionado ao acervo, ao arquivo do CEMEF, é pesquisa, por isso que a FAPEMIG aprovou esse projeto como projeto de pesquisa. Então, esse nosso trabalho, além do livro que nós, eu e a professora Meily, organizamos e que tem os textos que tratam do trabalho lá, nós também apresentamos

essa nossa experiência em congresso, então, isso já foi apresentado no Congresso Brasileiro de História da Educação, no próprio seminário do CEMEF, bolsistas e professores lá do CEMEF já apresentaram também trabalhos sobre essa nossa atividade, na área de educação física, se não me engano, Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, eu acho que eles apresentaram nesse congresso. Já foi apresentado em congressos de arquivologia. Quer dizer, basicamente, esse nosso trabalho lá, ele já gerou textos para congressos da área de educação física, congressos da área da história da educação e congressos de arquivologia. Agora nesse ano de 2014 acabou de sair um número da Revista Acervo, que é a revista do Arquivo Nacional, esse número que acabou de sair é um dossiê sobre arquivos e esportes, e aí eu e a professora Meily publicamos um artigo nesse número falando sobre a nossa experiência no CEMEF, o trabalho com os acervos. Então você pergunta, como é que a gente lida com isso em relação a pesquisa, a gente entende então que é um trabalho também de pesquisa, e a gente, quando a gente produz esses textos, seja para seminários, revistas ou livros, a gente busca não apenas descrever o trabalho realizado, a gente busca refletir sobre o trabalho em que medida? O que é objeto da reflexão? A gente procura demonstrar que esse trabalho arquivístico, ele não é um trabalho objetivo, técnico, como eu tinha dito, ele é um trabalho que implica em tomada de decisões, quando você organiza um arquivo que está desorganizado, você vai dar, por mais que a gente faça todo esse estudo para embasar as nossas decisões, a gente está de alguma forma interferindo no acervo, nós estamos dando uma organicidade que não é a organicidade original, é uma organicidade construída, uma produção de nexos, então a gente procura refletir sobre esses pontos, a gente procura, não apenas descrever o trabalho, mas refletir sobre o trabalho, então, é nessa medida que a gente entende que existe uma interface com a pesquisa nesses projetos de organização de acervo, de organização de arquivos.

C.M. – Bom, professor, as duas últimas perguntas então, como você definiria o CEMEF?

A.N. – Eu vejo o CEMEF como um lugar de pesquisa, por que que é um lugar de pesquisa? Existe lá uma agenda em que regularmente vem professores de fora da UFMG para apresentar suas pesquisas, se um professor do CEMEF ou da UFMG, professor aqui da própria UFMG ou em especial um professor do CEMEF fez um pós-

doutorado e ele volta, então, ele vai também participar dessas atividades e vai lá falar sobre a sua pesquisa de pós-doutorado, da mesma maneira todos os mestrandos e doutorandos do CEMEF são convidados a apresentar suas pesquisas no momento em que elas estão sendo desenvolvidas e aí a comunidade, o grupo vai contribuir para o desenvolvimento da pesquisa e também no momento em que a pesquisa é encerrada. Quer dizer, ele é um grupo de pesquisa, o CEMEF abriga um grupo de pesquisa e tem essas atividades que são atividades gerais, com a participação de todos. E tem os subgrupos, por exemplo, o grupo que lida com o acervo a gente entende que ele é um grupo de pesquisa que atua dentro do CEMEF, então enfim, eu entendo que o CEMEF abriga um grupo de pesquisa que tem como interesse a história da educação física, do esporte, do lazer, agora, esse acervo que existe no CEMEF, ele só existe pelo interesse de pesquisa desse grupo. Então, o CEMEF mantém esse acervo para subsidiar as pesquisas dos próprios membros e para a comunidade externa também, claro, mas ele nasceu do interesse dos membros em realizar pesquisa e preservar a memória da própria escola de educação física, memória do esporte, do lazer, então, quer dizer, você pergunta, repete de novo a pergunta.

C.M. – Como você define o CEMEF?

A.N. – Então, eu defino como um lugar de pesquisa e de guarda de memória também, quer dizer, acho que são duas funções que estão inter-relacionadas, quer dizer, a pesquisa e a guarda de acervos para subsidiar as pesquisas do próprio grupo e de outros pesquisadores de fora do CEMEF também. Essas duas linhas que eu penso, por que eu estou insistindo nisso? Na própria UFMG a gente tem alguns centros de memória que são apenas lugares de guarda de acervo, você não tem ali atuando um grupo de pesquisa, o CEMEF é diferente porque o CEMEF, ele abriga de forma muito consolidada, um grande grupo de pesquisa. Ele não é só [ênfase] um lugar de guarda de documentos e isso fica claro, a própria realização do seminário que aconteceu na semana passada, um seminário visando a divulgação da produção do conhecimento científico organizado pelo CEMEF, então, ele tem mais, as ações dele vão muito além, as ações estão muito além da mera guarda de documentos, elas vão muito além dessa mera guarda de documentos, é assim que eu vejo.

C.M. – Como o CEMEF impactou na sua trajetória de professor, de acadêmico e pessoa?

A.N. – Pois é, impactou, foi e tem sido muito importante, por quê? Como eu disse, eu entendo que o trabalho de organização de arquivo é um trabalho de pesquisa também, o trabalho de organização de arquivos tem essa característica, é um trabalho de pesquisa, então, quer dizer, como é que impactou? Quando eu entrei na universidade, em 2010, foi uma oportunidade que eu tive, ao atuar no CEMEF, de realizar pesquisa. Esse livro, que você conhece, eu citei agora a pouco, esse artigo na Revista Acervo, esses trabalhos que a gente apresenta em congressos. Então o CEMEF, nessa minha atuação, a partir dessa minha atuação, eu tive a oportunidade de gerar esses produtos que são tão importantes na vida de qualquer acadêmico. A atuação lá, assim eu vejo que foi muito positiva a minha atuação desde então, agora, apesar da minha atuação ter reduzido, eu continuo atuando mas com menos intensidade, mas é importantíssimo e esse diálogo com os colegas, essa troca de experiência e isso é muito relevante. Ainda mais no meu caso, quando eu comecei em 2010 na universidade, foi muito importante esse convívio com os colegas para aprender um pouco do funcionamento da universidade do ponto de vista de um professor da universidade.

C.M. – É isso, professor, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

A.N. – Queria dizer que dentro da arquivologia existe muita gente que está interessada em discutir centros de memória, então eu queria dizer que eu acho que esse diálogo dos centros de memória sejam eles universitários ou não, seja qual for a temática, esse diálogo com a arquivologia é um diálogo que pode ser fértil. E que as vezes não há espaço para o trabalho arquivístico em alguns centros de memória, muitas vezes, aqui na própria UFMG, a gente tem alguns centros de memória que tem acervos documentais, acervos gerados pela faculdade, pela escola, mas, às vezes, o que se tem são pequenos fragmentos desse acervo. Aí nesse caso a gente não entende, ali não há um acervo arquivístico, então, quer dizer, em determinado centro de memória, não há muita necessidade de atuação do profissional da área de arquivos, agora, o centro de memória que possui acervo arquivístico, acervo gerado por uma organização e com certas características, então, esse centro de memória, ele precisa sim de um profissional

de arquivos, aliás, ele não precisa de um profissional de arquivos, precisa de conceitos, de metodologia para o tratamento adequado, quer dizer, o centro de memória que tem um acervo arquivístico, ele precisa lidar corretamente com acervo arquivístico. Eu acho que esse é um desafio para os centros de memória de um forma geral, não apenas para os centros de memória universitários, mas então o que eu vejo dentro da arquivologia é que tem uma turma que se interessa em atuar dentro do centro de memória e eu acho que isso pode ser muito proveitoso como tem sido para gente lá no CEMEF, como tem sido a nossa participação aqui da Escola de Ciência da Informação lá no CEMEF.

C.M. – Então, professor, é isso, muitíssimo obrigada.

A.N. – Obrigada você, Christiane, estou à disposição, se precisar depois de algum outro esclarecimento, detalhe, estou à disposição.

[FINAL DA ENTREVISTA]